

Ana Luiza Ferreira

*Faculdades Integradas da América do Sul
analuizafer84@gmail.com*

Marcelo Vinicius Costa Amorim

*Faculdades Integradas da América do Sul
morimpsi@gmail.com*

O Tempo do Trauma: plasticidade psíquica e cerebral na elaboração de eventos traumáticos

Resumo:

Este estudo aborda a relação entre o trauma psíquico e a neuroplasticidade, articulando fundamentos da psicanálise e das neurociências a fim de compreender como cérebro e psiquismo se reorganizam diante de experiências traumáticas. A pesquisa justifica-se pela relevância de integrar perspectivas simbólicas e biológicas, superando a histórica separação entre o inconsciente e o organismo, além de contribuir para uma compreensão multidimensional do sofrimento humano. O objetivo geral consiste em investigar as relações entre trauma psicológico e neuroplasticidade – especificamente, examinar o conceito de trauma na psicanálise, explorar a plasticidade cerebral nas neurociências e relacionar tais conceitos no contexto clínico. O método adotado foi uma revisão narrativa, de caráter qualitativo e bibliográfico, que permitiu analisar criticamente produções científicas nacionais e internacionais sobre o tema. Os resultados indicam que tanto o psiquismo quanto o cérebro possuem capacidade intrínseca de reorganização, sendo a plasticidade um eixo de convergência entre a psicanálise e a neurociência.

A literatura mostra que o tratamento analítico promove simbolizações que repercutem em modificações neurais, confirmando que processos subjetivos podem influenciar a reorganização sináptica. Do ponto de vista psicanalítico, o trauma é elaborado de forma singular, enquanto a neurociência evidencia mecanismos biológicos que sustentam essa transformação. Conclui-se que a integração entre os dois campos oferece um arcabouço mais amplo para compreender o trauma, articulando reorganização simbólica e reconfiguração cerebral como dimensões complementares da experiência humana.

Palavras-Chave: Psicanálise. Neurociência. Trauma. Neuroplasticidade.

Abstract

This study addresses the relationship between psychic trauma and neuroplasticity, articulating the foundations of psychoanalysis and neuroscience in order to understand how the brain and the psyche reorganize themselves in the face of traumatic experiences. The research is justified by the relevance of integrating symbolic and biological perspectives, overcoming the historical separation between the unconscious and the organism, and contributing to a multidimensional understanding of human suffering. The general objective is to investigate the relationships between psychological trauma and neuroplasticity—specifically, to examine the concept of trauma in psychoanalysis, explore brain plasticity in neuroscience, and relate these concepts within the clinical context. The method adopted was a narrative review, qualitative and bibliographic in nature, which allowed for a critical analysis of national and international scientific literature on the subject. The results indicate that both the psyche and the brain possess an intrinsic capacity for reorganizing themselves, with plasticity functioning as a point of convergence between psychoanalysis and neuroscience. The literature shows that analytic treatment promotes symbolizations that lead to neural changes, confirming that subjective processes can influence synaptic reorganization. From the psychoanalytic standpoint, trauma is worked through in a singular manner, while neuroscience highlights the biological mechanisms that sustain this transformation. It is concluded that integrating the two fields offers a broader framework for understanding trauma, articulating symbolic reorganizing and cerebral reconfiguration as complementary dimensions of human experience.

Keywords: Psychoanalysis. Neuroscience. Trauma. Neuroplasticity.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa compreender a relação entre o trauma psíquico e o funcionamento da neuroplasticidade, articulando fundamentos da teoria psicanalítica e contribuições da neurociência contemporânea. Tomaremos neuroplasticidade como a capacidade do sistema nervoso central de “de mudar, moldar e adaptar, em nível funcional e estrutural, ao longo da vida humana” (Chaves, 2023, p. 68). A proposta é evidenciar de que forma os processos

simbólicos e inconscientes descritos pela psicanálise podem dialogar com os mecanismos orgânicos de reorganização cerebral identificados pelas neurociências. Buscamos, assim, um olhar integrador sobre a experiência do trauma e sobre a capacidade de transformação subjetiva. Em suma, nos reportamos à seguinte questão: de que maneira a interseção entre a psicanálise e a neurociência pode contribuir para uma compreensão outra dos mecanismos do trauma psicológico?

O estudo da mente humana percorre, há séculos, um caminho entre o simbólico e o orgânico. A psicanálise, iniciada por Freud no final do século XIX, foi uma das primeiras teorias a propor que os sintomas psicológicos não se explicam apenas por causas conscientes e racionais, mas por forças inconscientes. Assim, a psicanálise consolidou-se como uma forma de compreender os fenômenos mentais ao reconhecer o inconsciente como dimensão estruturante da vida psíquica.

A psicanálise pode ser compreendida como um campo teórico e clínico que busca investigar os processos inconscientes que influenciam o comportamento, os afetos e a formação da subjetividade. Segundo Freud (1915/2010), os sintomas psíquicos configuram-se como formações substitutivas de conteúdos reprimidos, ou seja, manifestações de conflitos inconscientes que não puderam ser elaborados pela consciência. Laplanche e Pontalis (2001) destacam que a escuta analítica possibilita o acesso simbólico a esses conteúdos recalçados, ao permitir que o sujeito atribua novo sentido às suas experiências.

Nessa perspectiva, como aponta Hermann (2015), a psicanálise se constitui não apenas como um método terapêutico, mas também como uma forma de conhecimento sobre o funcionamento da mente e da vida emocional humana, articulando teoria, clínica e pesquisa na compreensão do inconsciente.

As neurociências, por outro lado, dedicam-se ao estudo do sistema nervoso e à maneira pela qual suas estruturas e conexões dão origem aos processos mentais e comportamentais. De acordo com Bear, Connors e Paradiso (2017), compreender o funcionamento do cérebro implica investigar como os neurônios e as sinapses se organizam para produzir as percepções, as emoções, a memória e o aprendizado. Nesse sentido, as neurociências oferecem uma base biológica para compreender os fenômenos psicológicos, embora não reduzam a complexidade da mente humana à pura atividade neural.

Historicamente, essas áreas seguiram trajetórias paralelas. No entanto, existe certa analogia entre o tratamento psicanalítico e a investigação científica, na medida em que “ambas consistem na prática de um método que envolve a produção de um saber, ambas presumem a natureza real de um objeto, ambas envolvem considerações prática e teórica sobre o sujeito deste saber” (Dunker, 2007, p. 320).

Essa abertura para o diálogo interdisciplinar também tem sido defendida por neurocientistas de renome. Kandel (2003, p. 140) afirma que “durante a primeira metade do século XX, a psicanálise revolucionou nossa compreensão da vida mental”. Em contrapartida, a psicanálise “não desenvolveu métodos objetivos de experimentação das ideias brilhantes que formulou” (Kandel, 2003, p. 140). Em sua proposta de revitalização da psicanálise, o autor sugere que “uma relação de maior proximidade com a neurociência cognitiva pode proporcionar à psicanálise o alcance de dois objetivos: um conceitual e outro experimental” (Kandel, 2003, p. 141).

Ao propor o diálogo entre a psicanálise e as neurociências, este estudo busca romper com a fragmentação histórica e a dicotomia entre o simbólico e o biológico, oferecendo uma compreensão mais ampla da mente humana. Investigar como os processos inconscientes e simbólicos – descritos pela teoria psicanalítica – se relacionam com os mecanismos de reorganização cerebral – revelados pela neuroplasticidade – representa não apenas um avanço teórico, mas uma contribuição concreta para o aprimoramento das práticas clínicas em Psicologia.

Ao compreender que as experiências traumáticas se manifestam de forma complexa e multifacetada, investigar essa interação entre psiquismo e cérebro torna-se fundamental para ampliar os recursos terapêuticos e fortalecer a base científica que sustenta a intervenção psicológica. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que não apenas busca novos conhecimentos, mas também reafirma o compromisso ético da Psicologia com a escuta e a transformação subjetiva, integrando o saber simbólico da psicanálise à objetividade experimental das neurociências em prol de um entendimento mais abrangente da psique. Na atuação clínica, esse entrelaçamento é particularmente relevante em casos de trauma psíquico. A psicanálise oferece um arcabouço teórico e técnico para a elaboração simbólica da dor; por outro lado, a neuroplasticidade revela que o cérebro pode se reorganizar em resposta a essas experiências. “O conceito atual neurocientífico de plasticidade cerebral [...] dá uma base orgânica estrutural para a teoria e prática psicanalíticas atuais” (Silva Filho, 2003, p. 104).

Essa relação bidirecional entre subjetividade e neurofisiologia nos permite “conceber o cérebro como um órgão plástico permite pensar uma interseção entre a psicanálise e as neurociências” (Mantilla, 2017, p. 149). Essa plasticidade coloca o cérebro “em um espaço aberto à interação com o ambiente social e à influência terapêutica do dispositivo psicanalítico” (Mantilla, 2017, p. 144).

Considerando que o trauma nem sempre produz efeitos imediatos, mas pode ser elaborado tardiamente, quando o sujeito dispõe de recursos psíquicos e simbólicos para isso, busca-se

compreender de que modo a reestruturação psíquica promovida na clínica psicanalítica dialoga com os processos de reorganização neuronal.

Como objetivo geral, buscamos compreender as relações existentes entre o trauma psicológico e o funcionamento da neuroplasticidade, articulando conceitos psicanalíticos e neurocientíficos. Nossos objetivos específicos organizam-se da seguinte maneira: a) investigar a noção de trauma psíquico a partir das contribuições da psicanálise; b) explorar o conceito de neuroplasticidade e de reorganização neuronal conforme as neurociências; e c) relacionar os conceitos de trauma e de neuroplasticidade, buscando compreender como esses campos podem dialogar no contexto clínico.

Trata-se, portanto, de compreender as possíveis relações entre o trauma psicológico e o funcionamento da neuroplasticidade. Para isso, articulamos alguns fundamentos da teoria freudiana às contribuições da neurociência contemporânea. Ademais, buscou-se evidenciar de que modo o cérebro e o psiquismo se reorganizam diante de experiências traumáticas, bem como essa interação pode iluminar novas perspectivas para a prática clínica e para o entendimento do sofrimento humano.

2 JUSTIFICATIVA

O estudo mostra-se relevante ao propor um diálogo entre dois campos que, historicamente, foram considerados antagônicos: a psicanálise e as neurociências. Ao integrar perspectivas simbólicas e biológicas, a pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla e interdisciplinar da mente humana, especialmente no que se refere ao trauma e à capacidade de reconstrução psíquica. Para a Psicologia, essa abordagem é valiosa, pois reforça o caráter multidimensional do sofrimento humano e amplia as possibilidades de intervenção clínica, articulando fundamentos teóricos e evidências neurocientíficas.

3 MÉTODO

Este trabalho foi conduzido por meio de uma abordagem qualitativa, voltada à compreensão dos fenômenos psicológicos em seus contextos históricos, subjetivos e sociais. A pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares, relacionadas a um nível da realidade que não pode ser quantificado, pois diz respeito a significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2010, p. 21). Diante disso, esta investigação buscou articular as perspectivas da psicanálise e das neurociências por meio de uma análise bibliográfica crítica e interpretativa, cujo objetivo é explorar as interfaces teóricas entre a elaboração simbólica do trauma e a neuroplasticidade cerebral.

Assim, foi realizada uma revisão narrativa, isto é, um estudo qualitativo e bibliográfico que busca reunir e compreender o que já foi produzido sobre o tema. Esse formato permite uma análise reflexiva das ideias dos autores, destacando pontos de tendência e de contraste. De acordo com Fernandes, Vieira e Castelhana (2023), a revisão narrativa ajuda a organizar e interpretar os conhecimentos existentes, permitindo ao pesquisador construir uma visão ampla e crítica do assunto – especialmente útil em temas que envolvem diferentes áreas, como a psicanálise e as neurociências. Após o levantamento nos portais SciELO e IBICT por trabalhos em português, utilizando como palavras-chave “trauma psíquico”, “trauma psicológico”, “plasticidade cerebral”, “neuroplasticidade”, foram encontrados apenas dois artigos, sendo que um deles não se relacionado ao tema proposto. Novas buscas foram realizadas em portais mais amplos, contemplando os descritores “psicanálise” e “neurociência”. Ao final, foram encontrados nove trabalhos, os quais foram articulados às discussões teóricas presentes em livros especializados para elaboração de nossas discussões.

4 REVISÃO DE LITERATURA

A proposta é sedutora: pensar as neurociências em parceria com Freud e Lacan sugeriria uma espécie de árvore híbrida, a qual teria como umas de suas ramificações a chamada “neuropsicanálise” – termo este um tanto obnubilado e que pede tempo e maturação.

Adriano Messias

A complexidade da experiência traumática podem exigir abordagens que contemplem tanto a dimensão simbólica quanto a biológica do sujeito. Nos últimos anos, essa necessidade tem incentivado um diálogo profícuo entre a psicanálise e as neurociências, sobretudo em torno do conceito de plasticidade — seja ela psíquica ou cerebral — como forma de compreender os processos de transformação subjetiva após o trauma.

A noção de sujeito empreendida pela psicanálise não se reduz a um organismo adaptativo, mas se estrutura a partir de uma divisão interna, do inconsciente e da linguagem. “O sujeito, sujeito do inconsciente, é permanentemente faltoso, desejante e singular” (Barreto, 2017, p. 190). Essa concepção contrasta com o modelo dominante nas ciências biomédicas, no qual o sofrimento tende a ser interpretado como um desequilíbrio químico ou cerebral. No entanto, como propõe Mantilla, “a ideia de que o cérebro é a fonte das experiências subjetivas [...] abre espaço para a mudança terapêutica e, com ela, para a ingerência da psicanálise” (Mantilla, 2017, p. 146).

Esse ponto de contato entre ambas as abordagens se aprofunda ao considerarmos a plasticidade cerebral como um processo dinâmico e contínuo, inclusive na vida adulta. A neurociência já não sustenta a ideia de um cérebro rígido e imutável. Ao contrário, pesquisas

apontam que “o cérebro adulto contém um fantástico poder de neuroplasticidade. Pode ser ‘religado’ [...] criando novos cabos” (Mantilla, 2017, p. 149). Tal propriedade torna possível pensar o tratamento analítico não apenas como um trabalho simbólico, mas também como promotor de transformações estruturais na rede neural do sujeito. Ferrari et al. (2001, p. 190) reforça esse entendimento ao afirmar que, após lesões ou experiências impactantes, “ocorrem mudanças no tecido nervoso que têm como função a manute

Trauma e mudança no corpo são basicamente sinônimos. A experiência traumática mobiliza a plasticidade neuronal.

Para Ansermet e Magistretti (2010, p. 21), a plasticidade estabelece uma nova dialética sobre o organismo; para Malabou, ela traz contribuições à teoria do trauma, até mesmo para se pensar a existência de uma plasticidade destrutiva, como aquela que transtorna veteranos de guerras e assola sobreviventes de campos de concentração. Sob o ponto de vista da psicanálise, surge uma cadeia de repetições envelopada pelo sintoma, que é uma forma de o sujeito tentar dar conta do trauma [...] (Messias, 2022, p. 51-52)

Assim, o trauma não é um destino, mas um evento potencialmente reconfigurável — tanto simbolicamente quanto organicamente. Destaque para a noção de trauma como categorização de neuroplasticidade negativa, afinal, nem toda reconfiguração cerebral consiste em uma transformação ocasionada por estímulos saudáveis.

Na perspectiva geral da psicanálise, o trauma não se limita a uma vivência objetiva, mas inclui aquilo que é insuportável de ser representado. Roudinesco (2006, p. 102) critica o determinismo que naturaliza o sofrimento, reforçando que “a infelicidade não está inscrita nos genes nem nos neurônios”. Cada sujeito elabora o trauma de maneira singular, e o trabalho clínico precisa considerar essa especificidade.

Refletir sobre trauma é acionar um acontecimento com certa carga de intensidade, afetiva, por sinal, que de alguma maneira fica registrada na memória. Se pensarmos no sentido amplo de aprendizado, o trauma pode ser elemento incluso no processo, afinal, nem todo aprendizado é positivo e benéfico. Aprender e memorizar é trabalho de mecanismos neuronais. A partir das neurociências podemos afirmar que:

O cérebro é um órgão plástico, mutável, e os mecanismos de aprendizagem e memória são os responsáveis por isso. Precisamente, o conceito de plasticidade é hoje utilizado para indicar as mudanças que ocorrem nos neurônios e suas conexões como expressão do funcionamento do cérebro em sua constante interação com o ambiente que o rodeia. (Mora, 2014, p. 150, tradução nossa).

Kandel (2003), ao propor uma reaproximação entre a psicanálise e a neurociência, reconhece que ambas têm muito a oferecer mutuamente. O autor defende que “uma relação de maior proximidade com a neurociência cognitiva pode proporcionar à psicanálise o alcance de dois objetivos: um conceitual e outro experimental” (Kandel, 2003, p. 141). Além disso, ressalta que tal aproximação não significa diluir o saber psicanalítico em explicações neurobiológicas. Trata-se, ao contrário, de criar um campo interdisciplinar que permita compreender os processos mentais em sua totalidade. Essa proposta encontra eco em Silva Filho (2003, p. 104), que observa que “o conceito atual neurocientífico de plasticidade cerebral [...] dá uma base orgânica estrutural para a teoria e prática psicanalíticas atuais”.

Essa perspectiva sugere que a psicanálise, ao propor a escuta e a elaboração simbólica, também promove reorganizações cerebrais. Ou seja, há efeitos da palavra que ultrapassam o nível representacional. É possível reconhecer que tanto o tempo do trauma quanto o da cura não são lineares — são simbólicos e subjetivos.

No tópico a seguir, aprofundamos as contribuições que emergem do diálogo entre as diferentes pesquisas analisadas, enfatizando a compreensão do dinamismo e a transformação do psiquismo.

5 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A revisão narrativa realizada nesta pesquisa possibilitou identificar um panorama consistente sobre as relações entre trauma, plasticidade psíquica e cerebral. De modo geral, os estudos convergem ao reconhecer que tanto o psiquismo quanto o cérebro possuem uma capacidade intrínseca de reorganização diante de experiências traumáticas. Essa capacidade manifesta-se em dois planos interdependentes: o biológico, relacionado às alterações neurofuncionais, e o simbólico, vinculado à reconstrução de sentidos por meio da linguagem e da elaboração subjetiva. A literatura consultada revela que a plasticidade, enquanto conceito, constitui um ponto de diálogo entre psicanálise e neurociência, ao mesmo tempo em que evidencia tensões epistemológicas que enriquecem a discussão contemporânea sobre o sofrimento psíquico.

Apreendemos que plasticidade cerebral e a plasticidade psíquica devem ser pensadas como dimensões complementares de um mesmo processo: a possibilidade de transformação subjetiva. O tratamento psicanalítico, ao promover simbolizações antes impensáveis, não apenas reorganiza a narrativa do sujeito, como também aciona processos neurobiológicos que sustentam essa mudança. Trata-se de uma articulação entre o simbólico e o orgânico que permite pensar o trauma não como fim, mas como abertura.

Os estudos indicam que Freud antecipou a ideia de plasticidade cerebral ao postular que o cérebro seria capaz de modificar-se conforme as experiências vividas, hipótese posteriormente corroborada por pesquisas neurocientíficas. Scorza e Cavalheiro (2012) demonstram que Freud já havia proposto, ainda no século XIX, que os neurônios estabelecem novas conexões a partir da simultaneidade dos estímulos, princípio hoje reconhecido como base da neuroplasticidade. “O comportamento e a mente são expressões das funções do cérebro. A estrutura e a função do cérebro são, por sua vez, moldadas pela experiência” (Kandel, 2003, p. 151). Ferrari et al. (2001) e Chaves (2023) ampliam esse entendimento ao descreverem a plasticidade neural como um fenômeno que resulta da interação entre organismo e ambiente, influenciada por fatores afetivos, cognitivos e sociais. Esses autores demonstram que a aprendizagem e a memória dependem da modificação contínua das redes sinápticas, evidenciando que o comportamento e a biologia se moldam mutuamente.

Mantilla (2017) contribui ao propor que o conceito de plasticidade cerebral permite repensar as fronteiras entre o inconsciente e o cérebro, posicionando este último como um órgão aberto à experiência simbólica e à influência do ambiente social. Nessa mesma direção, Silva Filho (2003) afirma que as transformações das redes neuronais sustentam os processos psíquicos descritos pela psicanálise, uma vez que as sinapses se reorganizam em resposta a estímulos internos e externos, refletindo a dinâmica entre o mundo interno e a realidade objetiva. Além disso, Kandel (2003) enfatiza a necessidade de integrar os níveis biológico e psicológico ao argumentar que o estudo da mente humana exige uma metapsicologia ancorada em bases científicas e em diálogo com a biologia. Reis e Ortega (2024) acrescentam uma perspectiva neurocientífica ao fenômeno do trauma e descrevem como os mecanismos de defesa do sistema nervoso se articulam aos processos subjetivos de enfrentamento e elaboração.

Sanini, Santos e Sattler (2021) destacam a maneira pela qual a elaboração narrativa, enquanto reconstrução simbólica da experiência, pode promover reorganizações cerebrais, mostrando a importância da linguagem como mediadora entre o psíquico e o neurológico. Paralelamente, Klein (2012) e Birman (2016) retomam a leitura freudiana sobre o mal-estar na civilização, discutindo como o sofrimento psíquico contemporâneo reflete uma fragilidade simbólica e o enfraquecimento das estruturas que dão sentido à experiência. Roudinesco (2006) e Barreto (2017) concluem que a psicanálise mantém um papel essencial ao preservar a dimensão subjetiva do humano diante da tendência de reduzir o sujeito a processos neuroquímicos, defendendo sua relevância ética e cultural na contemporaneidade.

A partir dessas interpretações, observa-se que a noção de plasticidade se apresenta como eixo de convergência entre psicanálise e neurociência. Ambas as áreas reconhecem a capacidade de reorganização do sujeito frente à dor, sendo que, para a psicanálise, essa reorganização ocorre pela via simbólica, enquanto, para a neurociência, ela se manifesta em

modificações sinápticas e circuitais. A correspondência entre essas duas dimensões sugere que o entendimento do trauma envolve tanto a reconfiguração neuronal quanto a reconstrução de significados. Essa articulação confirma a hipótese freudiana de que a elaboração psíquica possui efeitos concretos sobre o corpo e sobre o funcionamento mental, agora reinterpretada à luz das descobertas científicas sobre a plasticidade cerebral.

Os resultados aqui discutidos dialogam com a concepção freudiana de *Nachträglichkeit*, isto é, elaboração tardia, desenvolvida posteriormente por autores como Birman (2016) e Klein (2012), para os quais o tempo do trauma é não linear e cujo sentido só pode emergir posteriormente. Ao mesmo tempo, as reflexões de Kandel (2003) e Mantilla (2017) demonstram que a neurociência atual oferece um campo fértil para pensar o inconsciente como fenômeno dinâmico, sustentado por processos cerebrais plásticos e moduláveis pela experiência simbólica. Essa aproximação, contudo, não apaga as diferenças epistemológicas entre os campos. Roudinesco (2006) critica o reducionismo neurocientífico que busca explicar a subjetividade por meio da química cerebral, enquanto Kandel (2003) e Silva Filho (2003) defendem que a psicanálise e a biologia podem coexistir de forma complementar, cada uma contribuindo com uma dimensão da experiência humana.

Os resultados desta pesquisa indicam que a concepção psicanalítica de sujeito, definido pela divisão inconsciente e pela linguagem, não é incompatível com os achados contemporâneos da neurociência. Pelo contrário, a noção de neuroplasticidade cerebral, corroborada pela literatura, emerge como um ponto de convergência fundamental. A descoberta de que o cérebro adulto mantém uma capacidade dinâmica de se reconfigurar em resposta a experiências oferece um substrato biológico para compreender a eficácia do tratamento analítico. Dessa forma, a intervenção clínica que opera no registro simbólico e da fala pode ser concebida não apenas como uma elaboração subjetiva, mas também como um agente promotor de transformações estruturais na rede neural do indivíduo. Esse entendimento supera a visão simplista do sofrimento como mero desequilíbrio químico, integrando as dimensões orgânica e subjetiva na compreensão dos processos terapêuticos.

A análise dos dados à luz do referencial teórico adotado demonstra que o trauma, longe de constituir uma sentença irrevogável, configura-se como uma experiência passível de ressignificação tanto simbólica quanto orgânica. Conforme evidenciado, a plasticidade neural permite que o sistema nervoso se reorganize frente a vivências impactantes, promovendo processos de reparação e homeostase. Na perspectiva psicanalítica, essa reconfiguração corresponde ao trabalho singular de elaboração psíquica, por meio do qual o sujeito inscreve e transforma o que foi inicialmente insuportável de ser representado. Reforçando a crítica ao determinismo biológico, podemos confirmar que a “infelicidade” e o trauma não estão inscritos de forma fatal nos genes ou nos neurônios, mas são passíveis de alteração por meio de um trabalho clínico que considere a singularidade do desejo e da história de cada sujeito.

De modo geral, os resultados desta revisão apontam para a possibilidade de uma leitura integrada do trauma, na qual a plasticidade se apresenta como metáfora e realidade: metáfora, por representar a flexibilidade do psiquismo; e realidade, por descrever os mecanismos neurobiológicos que sustentam essa transformação. Essa compreensão confirma o objetivo desta pesquisa, isto é, compreender como o cérebro e o psiquismo reagem, de forma interligada, à elaboração tardia de eventos traumáticos. Conclui-se que o entendimento do trauma depende tanto da reconfiguração simbólica quanto da reorganização neural. Além disso, a interlocução entre psicanálise e neurociência constitui um caminho promissor para compreender a complexidade do sujeito humano, atravessado simultaneamente pela linguagem, pela história e pela biologia.

Mas não podemos encerrar sem antes salientar que muitos obstáculos se apresentam e se misturam no diálogo entre psicanálise e neurociências. Em alguma medida notamos a busca por diagnósticos infalíveis que os avanços tecnológicos da área “neuro”, em tese, ofertam. Como destaca Messias (2022, p. 46-47):

Atualmente, no ambiente asséptico dos consultórios e clínicas de imagem, máquinas enormes, com sons e ruídos indecifráveis pelos leigos, apresentam, no decorrer de algum tempo, a exibição do retrato da intimidade do corpo, travestida em borrões, manchas e áreas coloridas que serão interpretadas e reinterpretadas, às vezes por uma junta médica, na expectativa de um diagnóstico definitivo e certo.

Nesse sentido, um breve panorama nos mostra que há tendências, nos serviços de saúde, de se assumir uma esfera teórico-prática como a mais promissora. Nos resta, portanto, intensificar a busca pela inclusão e manutenção de articulações que priorizem também a interpretação e a compreensão de tudo isso que ocorre no corpo. Persiste o grande desafio em, simultaneamente, valorizar neuroimagens e outros métodos que exploram objetos que as novíssimas tecnologias biomédicas não dão conta. Referimos a psicanálise e seu interesse no inconsciente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu examinar como a articulação entre psicanálise e neurociências oferece uma compreensão ampliada do trauma psíquico, integrando dimensões simbólicas e biológicas. A análise da literatura demonstra que a plasticidade, enquanto capacidade de reorganização, constitui um ponto de encontro entre esses campos. Scorza e Cavalheiro (2012) evidenciam que Freud antecipou princípios da neuroplasticidade ao propor a noção de um trabalho neuronal simultâneo, produtor de dinamismos e de conexões variadas – hipótese que, atualmente, encontra respaldo em achados experimentais. Essa perspectiva

revela que processos psíquicos e mecanismos cerebrais não se excluem, mas se atravessam mutuamente.

No campo neurocientífico, Ferrari et al. (2001) destacam que o sistema nervoso se transforma de acordo com as experiências, afirmando que a interação organismo-ambiente promove uma dupla mudança – tanto no ambiente quanto na estrutura nervosa do indivíduo –, sustentando a plasticidade ao longo da vida adulta. Tal constatação reforça a hipótese psicanalítica de que a elaboração simbólica é um processo capaz de produzir mudanças duradouras na vida mental. Mantilla (2017) contribui ao afirmar que conceber o cérebro como órgão plástico o insere em realidade processual e aberta, cuja interação e socialização, ocorrem tanto no meio social comum quanto no espaço específico da terapêutica psicanalítica, demonstrando, inclusive, a pertinência do diálogo interdisciplinar.

Do ponto de vista psicanalítico, Silva Filho (2003) sustenta que as redes neuronais em constante transformação oferecem uma referência do aspecto orgânico sobre o qual o fazer psicanalítico se sustenta. Já Kandel (2003) enfatiza que a aproximação com a neurociência cognitiva pode fornecer à psicanálise fôlego para o avanço de sua teoria e prática, ampliando seu alcance conceitual e metodológico. Paralelamente, Roudinesco (2006) alerta para o perigo de reduzir o sofrimento psíquico a explicações puramente neuroquímicas, reforçando que o sujeito permanece atravessado pelo desejo, pela história e pela linguagem. Tudo indica que tanto o campo neurocientífico quanto o psicanalítico dispõem de amplo horizonte para expandir seus fazeres teórico-práticos, cabe os demais pesquisadores, interessados nas respectivas áreas, endossarem comparativos e articulações necessárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Ricardo Azevedo. Sobre o futuro da psicanálise no mundo das coisas. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 48, p. 79–88, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200009 Acesso em: 10 out. 2025.

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. Neurociências: desvendando o sistema nervoso. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CHAVES, Rafael. Neuroplasticidade, memória e aprendizagem: uma relação atemporal. Revista Psicopedagogia, [S. l.], v. 40, n. 121, p. 66–75, 2023. DOI: 10.51207/2179-

4057.20230006.

Disponível

em:

<https://revistapsicopedagogia.com.br/revista/article/view/123>. Acesso em: 18 abr. 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. 2007. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001667379>. Acesso em: 15 set. 2025.

FERNANDES, Jaciara Mayara Batista; VIEIRA, Lidiane Torres; CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. Revisão narrativa enquanto metodologia científica significativa: reflexões técnicas-formativas. REDES-Revista Educacional da Sucesso, v. 3, n. 1, p. 1-7, 2023. Disponível em: <https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/rec/article/view/223>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FERRARI, Elenice A. de Moraes; TOYODA, Margarete Satie S.; FALEIROS, Luciane; CERUTTI, Suzete Maria. Plasticidade Neural: Relações com o Comportamento e Abordagens Experimentais. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 17, p. 187-194, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ysvrdSJm8fSR5fTsdYjMFXM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2025.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. Obras completas, v. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 73-111.

HERMANN, Isaias. Psicanálise: teoria, clínica e pesquisa. São Paulo: Escuta, 2015.

KANDEL, Eric R. A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 139–165, jan./abr. [1998] 2003. [versão traduzida por Ana Paula Breda], original disponível em: <https://share.google/hHzWVzFD46dSZlQjo>. Acesso em: 28 mai. 2025.

KLEIN, Alejandro. Teoría freudiana sobre la cultura: la gran fechoría, lo ambiguo y la fraternidad. Revista Affectio Societatis, Medellín, v. 9, n. 17, p. 1–18, dez. 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4207731>. Acesso em: 18 out. 2025.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da psicanálise. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANTILLA, Maria Jimena. Psicanálise e neurociências: contornos difusos? Notas em torno da noção de plasticidade cerebral. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 24, n. Supl 1, p. 143-155, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RMRBJ9JW3hMmtjKCq4M5xB/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2025.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, v. 31, 2010.

MESSIAS, A. Psicanálise e neurociências: um diálogo possível?. São Paulo: Blucher, 2022.

MORA, F. Cómo funciona el cérebro. - [edición en formato digital] - Madrid: Alianza Editorial, 2014

SILVA FILHO, Antonio Carlos Pacheco. Psicanálise e neurociências. Rev. Psiq. Clín. 30 (3):104-107, 2003. Disponível em: <https://share.google/u810gxNlpsBPvbV8y>. Acesso em: 20 nov. 2025.

REIS, Ramon; ORTEGA, Francisco. Cérebro, estresse e defesa: elementos para uma teoria neurocientífica do trauma psicológico. Psicologia USP, v. 35, p. e220033, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/nmWL7vdNLKrCr436v9FjGMq/>. Acesso em: 27 set. 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a psicanálise?. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SANINI, Cláudia; SANTOS, Maria Izabel dos; SATTler, Maurício. Terapia narrativa e neuroplasticidade: pensando suas conexões. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 89–104, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200019. Acesso em: 18 ago. 2025.

SCORZA, Fulvio A.; CAVALHEIRO, Esper A. Psicanálise e seu papel na plasticidade cerebral: muito mais que um simples blá, blá, blá. Rev. Psiq. Clín. 40(3):122-3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/Rn7S7Q4P9C9NkzsM6rqndcK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.